A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II — NUMERO 70 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

A horrorosa tragedia do Cabo Espichel!

CINCO HOMENS MORTOS!

Ha dias, em frente ao Cabo Espichel, sob denso nevoeiro, um vapor de pesca quebrou ao meio uma canôa, cuja tripulação com-

O DOMINGO ilustrado

ANO II — LISBOA 16 DE MAIO DE 1926 — N.º 70

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

A matematica

A questão das senhas ainda hade dar que falar! De positivo sabe-se apenas que ninguem percebe como é que é possivel pagar premios de 1.500 escudos por senhas de 150 centavos. Mas os premios pagam-se! Os comerciantes interessados no caso foram falar com o sr. Barbosa Viana. Ele ouviu. Cofiou o queixo. Pensou. Refletiu. E depois disse: Não percebo! Até que eu entenda, os senhores não podem vender mais papelinhos. Tudo depende agora do sr. Barbosa Viana saber matematica!

A nossa força

Um grande tratadista de publicidade fez agora em Paris uma conferencia estremamente interessante sobre o valor publicitario dos grandes orgãos.

Demonstrou aquele especialista do assumpto que o «Petit-Parisien», por exemplo, sendo lido por milhão e meio de pessoas, apenas tem uma «publicidade viva» que varia entre 200 a 300 mil. Assim um anuncio vale mais em outros jornais de muito menor tiragem mas com outro publico. O anunciante português apenas quere o anuncio dos nossos grandes orgãos, e prefere dar contos de réis para ocupar um pedaço do que este francês chama o «cemiterio dos anuncios», a dar o anuncio vistoso e evidente em qualquer publicação.

Terminou esta conferencia por explicar como é feita a publicidade... do Papa!

Espiritismo

O Sr. Dr. Afonso Costa tem-se dado ultimamente um pouco ao disfructo, com a questão do espiritismo. Um jornal francês dava-o como um bocado matuto, a assistir a sessões nocturnas em casa de certo medico, tido como meio charlatão. Tudo é possivel neste mundo! O mais curioso é que o Sr. Dr. Afonso Costa não oculta a sua nova paixão, e deixa-se entrevistar pelos jornais da especialidade—como se tratasse de algum problema de reparações. A menos que o nosso representante tencione convencer os delegados alemães por... hipnotismo...

Ferreira de Castro

Publica hoje «O Domingo», sob pseudonimo, uma novela de Ferreira de Castro—um dos nossos primeiros novelistas da geração moderna, e, decerto, um dos que melhor tem firmado uma inteligente forma literaria, com inteligencia e espirito jornalistico. A Ferreira de Castro está reservado um belo futuro—e os nossos leitores, como nós, lhe agradecerão o real prazer de o ler em «O Domingo».

MODIFICAÇÕES

—Oh! homem—hoje outro cabelo preto na sopa!
—Não se incomode o senhor! De amanhã em diante, a aparecer algum, é branco, porque o chefe novo é um velhote...

Má língua

"DEBOUT, LES MORTS!"

Vi na imprensa que a Camara, essa dama
de chaile e lenço e pingo de rapé
quer, por novas ideias que proclama,
que quem morrer seja enterrado em pé.

. . . .

Se não mente o dizer de quem o affiança
aquelle foi o grito de energia
que ergueu ha pouco um marechal de França
numa hora em que a fortuna não sorria;

era na Grande Guerra; (assim chamada
por nunca mais chegar á conclusão
cada vez mais confusa e arredada
pelo caminho por que as coisas vão).

Verdun, de tão cercada e opprimida,
já não podia mesmo estar peor;
—então, para dar força, insuflar vida,
Petain, firme, chamou:—"debout, les morts„!...

Foi na verdade uma palavra nobre
das que fazem tremuras pela espinha
e ante as quaes a noss'alma se descobre
—se é que a alma usa chapeu, boina ou sombrinha,

mas á sina das phrases consagradas
melhor ventura a Historia concedêra
se as não deixasse, á força de imitadas,
crystallizarem no Nariz de Cêra.

Cá na terra, (onde o typo mais cotado
é o que vem de França—e as mais das vezes
por varias circumstancias atrazado
demóra sete ou oito ou nóve mezes...—)

é certo que ha tambem necessidade
de que alguem com possante vozeirão
diga ao povo, á nobreza, á sociedade,
qualquer Grande Palavra—ou Palavrão;

ha mil entrechocadas roubalheiras
que reclamam medidas retumbantes,
e faltam as espadas nas trincheiras
porque sobram as naifas e os trinchantes;

mas não precisa o brio portuguez
de, para se mostrar cançado e altivo,
pedir a falla ao general francez
e traduzil-a, salvo seja, ao vivo!

não ha na vastidão municipal
fontes de mais rendosa economia?
Por que negras razões collocar mal
quem o eterno descanço apetecia?

Então não basta o forno crematorio
para coser a carne, fria e glabra?
E a gente tem de entrar no Purgatorio
em bicha erecta, esqualida, e macabra?

Todas as pelintrices e pouponças
hão de girar em torno desse fulcro?
Salvar-se-hão as batatas, e as finanças,
se a gente andar a butes *no sepulchro?*

Onde é que a Edilidade foi beber
esta horrenda e nefasta inspiração?
Seria ao Rato? Elle é capaz de haver
qualquer ignota Bica, no frontão...

Oxalá nada disto vá avante!
Vamos a ver que Santo nos accóde,
para que nesta Urbe agonisante
"possa morrer o que viver não póde„...

Não respeitar o somno em que descança
o pobre cidadão, é mais que o cumulo!
Bem basta a giga-jóga desta dança!
Abaixo o chifarote de além-tumulo!

TAÇO

questão prévia

Há dias li em um jornal da tarde, que muito considero por ser feito por verdadeiros jornalistas, uma local de protesto contra o facto, na verdade extranho e reprovavel, de estar a Inspecção Geral de Teatros instalada em promiscuidade vergonhosa com a inspecção sanitaria das hetairas catalogadas nos registos policiais. Que era uma vergonha—dizia-se na local—para as artistas portuguêsas, que assuntos do seu mister levassem á Inspecção Geral de Teatros, arriscarem-se a passar por clientes da outra inspecção, mas vergonha maior era ainda—e aqui a propria prosa parecia empalidecer—sugeitar as artistas estrangeiras, que tivessem de ir áquela repartição teatral, não já a passarem por pupilas da policia, mas a contemplarem o espectaculo afrontoso.

A justiça deste protesto, tão sã e integra, foi lamentavelmente comprometida com o agravamento, que se lhe introduziu, da hipotese das artistas estrangeiras. Pois não serão os olhos e o pudor das mulheres portuguesas tão susceptiveis como os das francesas, belgas, espanholas, alemãs, russas ou tcheco-slovacas?

O erro, melhor dizendo, o exagero erroneo reside na velha pecha de subalternisação aos extranhos, que caracterisa o português.

Mesmo entre portuguêses nós praticamos esse sentimento hipocrita duma excessisva consideração, que no fundo é o orgulho desmedido. Assim, não ha casa, por mais modesta, em que se não destine uma divisão a receber a qualquer pessoa extranha e nesse aposento se acumulam os melhores moveis e se decoram as paredes com ventarolas feitas com aparas de madeira e postais ilustrados. Pode a familia jantar na cosinha, os filhos podem dormir nos corredores, mas a sala de visitas impõe-se como uma necessidade, para esconder dos olhos de extranhos o desconforto, o desleixo e muitas vezes a miseria que as portas dos outros quartos ciosamente guardam das vistas alheias.

Com os estrangeiros dá-se o mesmo, mas em ponto maior. Se não fossem os turistas que desembarcam algumas horas em Lisboa—e a especial consideração que ao municipio merecem alguns estrangeiros que entre nós residem, estou convencido de que o lixo nas ruas, chegava aos beirais dos telhados, porque tudo se passaria entre portuguêses e em familia não se tem exigencias de asseio e higiene.

O encontro dum gato morto numa valeta arrelia um patriota, não pela vista repugnante do bicho coberto já de moscas sugadoras da podridão, mas porque pode passar na rua um inglês e ir lá para a sua terra dizer que as calçadas, em Lisboa, são pavimentadas de gatos mortos.

A subalternisadora consideração pelo estrangeiro, ao qual queremos sempre mostrar o lado domingueiro e civilisado (ocultando-lhe cuidadosamente o outro esfarrapado e selvagem) tem numerosas manifestações, qual delas a mais patusca e ridicula: a apropriação integral dos termos das outras linguas, a preocupação de as falar com esmeros de pronuncia; a pretenção de que, um individuo qualquer, mesmo que seja um fogueiro de bordo, por falar francês é uma criatura culta e educada; identica pretenção, ampliada ás senhoras viuvas que alugam quartos a casal «de preferencia estrangeiro»; a basofia de certos quartos para alugar, que por terem casa de banho anexa só se oferecem para cavalheiro estrangeiro, como se os nacionais não soubessem servir-se duma tina; emfim, as mil e uma distinções de que os estrangeiros habeis já se aproveitam para conseguirem um tratamento especial de meninos mimados.

Perdoe-se me a comparação, mas este agachamento é para mim uma especie de perda de visilidade da raça. Os espanhois, que comnôsco compartilham a peninsula, as virtudes e os defeitos, teem uma mais decidida coragem do seu nacionalismo. Se teem de pedir uma palavra emprestada a qualquer lingua, imprimem-lhe logo o sêlo da boa pronuncia castelhana e tendo abertas as quatro portas do turismo, por onde entra uma multidão densa e internacional de sujeitos de binoculo a tiracolo e de «misses» de sapatos de «tennis», a Espanha embolsa os dollars e as libras sem prejuizo do seu casticismo, antes acentuando as suas caracteristicas como magnifica fonte de receita.

Entre nós, é isto. Enraizou-se tanto o habito de adorar de gatinhas o que é estrangeiro que até eu sem dar por isso, fui citando o exemplo do país do lado, bendizendo e louvando a Espanha, que bendita e louvada seja sempre entre as nações da minha simpatia.

Feliciano Santos

ECOS

O transito e os bacios

Ha agora em Lisboa uns homens que se dedicam a explorar ao proximo a forma de colar tudo. Instalam-se nas ruas de maior transito, com um pano de serapilheira, um bacio de esmalte e algumas pedrinhas. Ao longe dão a impressão de estar satisfazendo um caso completamente imperioso. Afinal pelo, contrario estão «comendo»... o proximo.

O mais curioso é que a policia deixa-os em paz. Ela lá sabe o que são necessidades...

André Brun

A antiga Parceria de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, após a morte do primeiro deste escritores, convidou o nosso querido camarada de redação, o eminente escriptor e comediografo André Brun, para substituir, no seu trabalho de colaboração teatral, aquele falecido e apreciado auctor. Por todos os motivos o admiravel auctor da «Visinha do lado» merece a distinção da escolha, e na nova orientação do seu labor de teatro lhe desejamos sinceramente os maiores sucessos.

A primeira peça da nova parceria será o «Arroz de quinze», para Chaby Pinheiro e para a futura epoca de verão do Politeama.

COHERENCIA...

—O Sr. Dr. hade fazer a fineza de, depois da operação, me coser com linha preta, porque estou de luto carregado...

crónica alegre

DICTADORES E DICTADURAS

LOGO apoz a revolução de Sidónio Paes, uma pessoa minha amiga, monarquica, patriota, aliadófila, escrevia-me para as trincheiras de França, onde eu estava passado o inverno, por não poder passá-lo em Nice, que, emfim, raiára uma nova aurora da Liberdade, que se respirava outra vez melhor, que, mais feliz que Diogenes e certas senhoras, filósofas peripatéticas, a Lusitania encontrara um homem.

A essa pessoa amiga respondi que, a dentro das nossas fronteiras, a questão intestina por excelencia era, então como sempre, a questão dos intestinos. Uma mudança de situação politica interessa politicamente a um décimo por mil da população. O resto só pretende viver e tanto lhe importa que governe Paulo, Sancho ou Martinho. E, se bem me lembro, concluia a minha carta pouco mais ou mênos por estes termos:—«Se o homem ou os homens da situação conseguirem em Portugal que o aseite desça de preço serão grandes estadistas. Se não, encontrar-se-ão, em breve e perante a opinião publica, no conceito que facilitou a quéda desses a quem sem grande trabalho, valha a verdade, acabam de derrubar.»

Escuso de lhes diser que o aseite, em vez de baixar, subiu. Sobreveiu outra revolução e hoje, a não ser os batoteiros e alguns moços que se improvisavam alferes á porta do Martinho, não ouço ninguem gemer com saudades da dictadura em questão.

Ao que parece, andam várias no ar. E, quando nisso se fala, ha jovens precursôres da Republica que entram em furôr, espumam aos cantos da bôca e, apropósito, cobrem de impropérios os dictadores da Grécia, de Hespanha e de Itália. Do general Pangalos creio que assim se chama o tirano da Helade—não nos tem chegado noticias alem da que diz respeito á ofensiva contra as saias curtas. Do tambem general Rivéra não constam, por emquanto, grandes proêsas de governação.

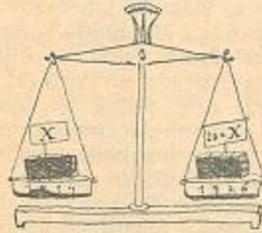
Quanto ao *duce* Mussolini o caso muda bastante de figura. Quando êle chegou ao poder estava na agonia a tentativa soviética. Tudo era confusão. Os oficiaes do exercito não se atreviam a sair á rua fardados. O desdem, quasi o desprêso, do mundo inteiro cobria a Itália. Veiu Mussolini e, com o auxilio do óleo de ricino, a sua pátria melhorou sensivelmente. Antes, o *deficit* do orçamento era de três biliões de liras. Hoje, ha um *superavit* dum bilião. Antes, não descançavem as maquinas de fabricar notas. Hoje, a divida interna italiana teve uma redução de quatro biliões de liras. Antes, os caminhos de ferro não andavam e custavam cada ano um bilião, dusentos e cincoenta milhões de liras ao Estado. Hoje dão um lucro de dusentos milhões anuaes e alguns levam o seu fascismo ao ponto de chegarem antes da hora, segundo afirma com dados certos um humorista francez.

A industria, o comercio, a agricultura, estavam no marasmo. Hoje a maquinaria industrial está formidavelmente aumentada, não ha operários sem trabalho e os produtos italianos vão conquistando cada dia novos mercados. O ano passado, o sólo italiano produsiu um excedente de vinte milhões de quintaes de trigo. Antes de Mussolini, cem liras valiam quarenta francos. Valem hoje cento e vinte. Os francêses, com o lindo parlamento que têm, não inspiram confiança aos Estados Unidos e gemem sob o problêma do pagamento das dividas de guerra. Os italianos obtiveram tudo quanto quiseram em Washington. De caminho direi que quarenta por cento dos funcionários foram dispensados.

Nunca mais se ouviu falar em Victor Manuel III. Daí, talvez ande a passeiar incognito e seja êle o sujeito baixinho de grandes bigodes que encontrei hoje no elevadôr. A Italia é, em resumo, uma republica de que Mussolini é o chefe mesmo com o nariz avariado.

Por conseguinte, quando ouço falar em dictaduras, não me abespinho logo. Simplesmente pergunto:—«E quem seria o dictador?» No dia em que me responderem: —«Mussolini!», eu direi: —«Pois vamos lá a experimentar». Mas desconfio que o homem não deita até cá.

A FÉBRE DE GANHAR

Alguem me escreve protestando contra o optimismo dalgumas linhas por mim escritas aqui mesmo e nas quaes afirmei que a fébre de ganhar e a fúria de gastar se iam acalmando um pouco. No emtanto, são inegaveis as sensiveis melhoras desses dois terriveis males. Ha seis mêses, para me trazer a

casa, um *chauffeur* malcreado pedia-me quarenta escudos. Agora andam quinze atraz de mim, meiguissimos, para me conduzirem por oito, um crusado doutras éras. Vejo anunciados jantares em restaurantes por doze escudos. Dividam por vinte. São os seis tostões dos tempos d'antanho, pelos quaes ainda tanta gente suspira. E quem queira darse a pequênos incomódos calça-se e veste-se pelos preços antigos, multiplicados é claro, pelo tal indice vinte.

Nem toda gente ganha dinheiro antigo vintuplicado? Reparem bem. Os que não conseguiram atingir essa proporção são os elementos inactivos, parasitas. Os outros defenderam-se todos e, desde que não tenham a ancia de gosar e se limitem, como aliás se limitavam outróra, verão que as dificuldades de hoje são tão irmãs das de doutros tempos, tão parecidas, que chegam a parecer gémeas. O meu modo de pensar não é optimismo. E' simples raciocinio. E não é dificil raciocinar, quando se foi aprendendo pela vida fóra. De repente, é que custa um pouco mais.

O ESPIRITO DE TRISTAN BERNARD

Tristan Bernard gosta de contar, a proposito de tremôres de terra, a seguinte historia:

No Mexico, um siciliano de passagem,

estava jantando descançadamente, quando de subito ha um brusco estremeção. O italiano larga o copo da mão, empalidece. A louça caiu para o chão, várias cadeiras tombaram e, só ao cabo dalgum tempo, toda aquéla desordem consegue estar arrumada.

O siciliano pergunta então ao creado —«Que aconteceu? Que foi isto?»

O creado, com o maior sangue-frio, explica:

—Bem se vê que o senhor chegou ha pouco... Foi uma cousa sem importancia: um simples tremôr de terra. A estas horas ha, pelo mênos, dois bairros da cidade em ruínas; mas nós já estamos acostumados...

—Ah! Se é só isso, está bem, conclue o italiano descançado. Estava com mêdo de ter tido uma pequena tontura.

SEMPRE OS «PAULITEIROS»

No teatro não ha só *pauliteiras*. Tambem ha *pauliteiros* e alguns de excelente marca.

Um dêles, tendo sabido que Robles Monteiro déra uma saltada a Paris no começo da época, mostrou empênho em ver a colecção de programas de teatro e prospectos de comercio que o seu amigo trouxéra das margens do Sêna. Robles passou-lhe o embrulho ás mãos e, á noite, com a familia, o nosso *pauliteiro* entreteve-se a ver aquéla papelada. De subito, diz para um dos circunstantes:

—Aquêle Robles tem cada ideia! Como ia a Paris, mandou faser cartões

de visita com o nome em francez e a morada do hotel. Já é toleima...

E sacava do maço um cartão com os seguintes disêres:

> ROBES ET MANTEAUX
>
> *Faubourg S. Honoré, 14*

* * *

E' o mesmo que rematava um pequeno *speech* disendo:

—«A grão e grão enche a galinha o papo» ou—como disem os francêses: —«Pípi a pipi, lisó fá, sol, mi...»

ANDRÉ BRUN

CONHECE-TE A TI!

—Mais um atropelado! Tambem esta gente não sabe andar na Rua!

RECORDAÇÕES

—Diz-me uma coisa, porque é que estás farto de falar hoje no nosso casamento?
—Porque não me sái da vista aquele Calvario...

UM MAU BOCADO PARA OS AVESTRUZES

Há pouco tempo apenas se criavam os avestruzes para dêles se aproveitarem as penas. Mas como, na Africa do Sul, a venda das penas tem vindo a baixar de dia para dia, os proprietários dos parques destinados á criação dos avestruzes, resolveram matar uma grande quantidade dêstes animais e utilizar-lhes a pele na fabricação de calçado de fantasia. Até agora, foram mortos mais de 6000 avestruzes. Com a carne, fazem-se conservas para os indigenas do Rand.

UM LIVRO DE VALOR

Joseph F. Mikulec é proprietário do maior livro de autógrafos que existe. Contem 50.000 assinaturas de principes, magnates, estadistas, etc. Para enriquecer a sua colecção, Joseph F. Mikulec percorreu vinte e seis paizes no espaço de vinte e dois anos.

UM CONCEITO PERSA

Os Persas consideram efeminado um homem que se ri e julgam que essa expansão de regosijo só é propria de mulheres.

TARTARUGAS MONSTRAS

Perto da Bretanha, foram capturados com intervalo de poucos dias, dois raríssimos e extraordinários animais que de há três séculos para cá só apareceram umas tres ou quatro vezes nos mares atlânticos da Europa. Trata-se das tartarugas «alaude» ou tartarugas de couro ou couriaceas, assim chamadas porque as placas córneas, que existem nas outras tartarugas, desapareceram nestas, sendo substituidas por uma peça, só, formada por uma substancia comparável ao couro. A sua carne ao contrario do que acontece com a das outras tartarugas, tem um sabor horrível e é venenosa, segundo parece. O escudo tem, como indica o nome delas, a forma de um alaude ou de um coração com a ponta voltada para o lado de traz. Atingem um tamanho enorme —dois metros e sessenta—e podem chegar a pesar oito centos quilos. Os dois exemplares da Bretanha medem dois metros e cincoenta, e um dêles pesou trezentos e cincoenta quilos. Estes animais encontram-se em todos os mares, mas abundam principalmente nas costas do Brazil e na Florida. Quando são pescados, soltam uma espécie de mugidos semelhantes aos de um boi.

O CONTRABANDO ESCOLA DE ENGENHO

O contrabando é um crime, mas um crime que não inspira horror nem repugnancia. E' o sorriso do crime, exactamente como o «conto do vigario» é a gargalhada... Desde o impecavel burguês que puxa ás escondidas pelo seu acendedor automático, até á elegante que vai a Paris para trazer um casaco de peles sem pagar direitos, quantos honrados «contrabandistas», quantos «honestos criminosos» passe o paradoxo!—transitam livremente, de alma serena, por essas ruas da Vida! Se formos a profundar bem, em tôdas as vidas ha um dêstes crimes—sorrisos, uma destas «blagues» sem consequências... No fundo, todos gostamos de ser prestidigitadores perante o público atento dos fiscais da Alfandega.

O contrabando em Portugal, tem uma historia que já teve historiador e que é ilustrada pelo museu da Alfandega, uma verdadeira escola de engenho. A arte de bem intrujar todo o proximo está optimamente representada nêsse singular museu, que poucos lisboetas conhecerão e onde pode seguir-se passo a passo, a evolução da aludida arte.

Antigamente, fazia-se contrabando por grosso e a retalho. A primeira categoria obrigava a grandes despezas e a longos trabalhos, tais como excavação de subterraneos que passavam sob as portas da cidade, e o subôrno dos guardas. O contrabando por miudo fazia-se na fronteira ou tambem nas barreiras da cidade.

O Alemtejo era a região da candonga, por excelencia; nela os guardas fiscais eram odiados e os contrabandistas respeitados e acarinhados. Pela calada da noite, os bandos de contrabandistas, em fila, com os machos bem carregados de fazenda e as armas bem carregadas de balas, transitavam quasi impunemente de terras de Espanha para as de Portugal, ou vice-versa. As cruzes semeadas pelos caminhos e indicando a sepultura de fiscais vitimas do dever eram um espectáculo pouco indicado para estimular o zêlo dos paladinos da lei.

Mas as grandes provas de engenho eram prestadas junto ás portas de Lisboa, na passagem do alcool. A serie dos estratagemas empregados não tem fim. Há os «trucs» ingenuos e arcaícos, como o das senhoras roliças, de ancas e seios de lata, todas forradas a alcool. Há os perus em bando, com relogínhos de oiro sob as asas murchas. Há o marialva passando as portas, todos os dias, montado em bom ginete, levando debaixo do selim o espaço suficiente para ganhar o seu dia. Hoje há os cortes de seda e os perfumes escondidos nos pneumaticos dos automoveis. Mas, a par destes expedientes quasi infantis, há a candonga genial, o contrabando de grande espectaculo: há o entêrro que passa á tardinha, com seus gatos pingados de tochas acesas, e transportando dentro dum caixão, em vez dum corpo morto, algumas centenas de litros de alcool, ou seja em vez de ilusões mortas, grandes esperanças vivas...

Há o crucifixo enorme, com sua imagem escultural, que passa aos hombros dum pobre sacristão tristonho e em cujo interior nenhum guarda ousaria descobrir algumas dezenas de cortes de seda. E' um carro de feno verde, com o ancinho espetado em cima e que passa devagar, chiando as rodas... O guarda desconfia do feno e mexe-lhe e remexe... Nada! Mas no varal da carripana, no varal tosco e grosso, quantas canadas de alcool passaram e repassaram! Há ainda os carroças com toros de pinho furados e com pedras de cantaria arranjada a preceito.

A «charrette» completamente feita de lata, que, durante anos, passou milhares de litros de alcool e de aguardente foi uma das mais célebres candongas do século passado. O dono da «charrette» ia todas as tardes. fora de portas, comprar alguns generos alimenticios: uns ovos mais fresquinhos, um azeite melhor... Ele proprio acusava tudo o que trazia, para os guardas lhe fazerem pagar os respectivos direitos e não suspeitarem que o simpatico cavalheiro ia guiando, não uma «charrette» agil mas um pesado tanque de alcool.

Quási todos os mais engenhosos «trucs» dos candongueiros só foram descobertos por denuncia e algumas vezes por oficiais do mesmo oficio que, assumindo o papel de cidadãos zelosos do respeito á lei, afugentavam qualquer suspeita que justamente os viesse atingir.

Um atento exame do completo museu da Alfandega dêsse museu—escola de crime e de engenho—, e de outros estrangeiros congeneres, talvez fornecesse optimos elementos para estabelecer o indice de mentalidade dos diversos povos. O nosso país não faria má figura, com certeza. Ou não fosse esta a pátria onde floresceu o engenho de quem ensinou um venezuelano a transformar «valises diplomatiques» em sucursal do Banco emissor e um holandez, burlão de fama mundial, a intrujar Sir Williiam Waterlow aquele inglês de poucas falas que se deixou ir no embrulho...

UM CURIOSO MONUMENTO

Recentemente, foi inaugurado um singelo mas eloquente monumento na Igreja da Epifania, de Charlottenburgo. Esse monumento comemora os mortos da grande guerra, filhos dessa cidade, e representa um sino suportado por figuras aladas. O monumento foi fundado com o ultimo sino de bronze que existia em Charlottenburgo, ao terminar a guerra.

O VÔO DOS ABUTRES

Os abutres costumam voar a uma velocidade de mais de 160 quilometros por hora.

IMPORTANCIA DOS CORVOS

O sr. Bouvet, na revista *Paris Medical*, assinala a importancia que os antigos atribuiam ao corvo, como elemento terapeutico. Plinio declara que para enegrecer o cabelo nada ha melhor do que um ôvo de corvo batido num recipiente de cobre e aplicado na cabeça, previamente rapada. Mas para que os dentes tambem não enegreçam, é preciso que o paciente tenha na bôca uma golada de azeite.

Os corvos pequeninos eram muito apreciados como remedio para a gota e para a epilepsia. Os antigos tambem achavam util trazer no bolso um coração de corvo, para vencer a tendência para a inercia ou modôrra. O fel desta ave punha-se, dentro duma bolsa, ao pescoço das creanças, para as livrar da tosse.

A CIDADE MAIS ANTIGA

Durante umas escavações realizadas recentemente ao Sul da Nevada (Estados Unidos), desenterrou-se uma cidade de antiquíssima, que estava coberta pelas areias do deserto de Mohapa. Alguns arquéologos afirmam que se trata da cidade mais antiga do mundo.

MARAVILHAS DA SCIENCIAS

O doutor William P. Bovie da Universidade de Haward (Estados Unidos) inventou um aparelho que transmite os raios solares através dum quartzo—preservando os raios actínicos—e que, segundo o inventor afirma, assegura ás mulheres que estão para ser mães—e que se submetam a um tratamento especial, que tem por base o dito aparelho—a certeza de terem um filho são e formoso.

NO PROXIMO NUMERO

A guerra ao pêlo

NOVELA CAPILAR COMPLETA DE

Augusto Cunha

O suicida de 13 anos no Jardim de Santos

NOVELA SENTIMENTAL DE

O Reporter Misterio

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

comentarios

O segredo da economia em Teatro

Ha dias, ao analisarmos a vida interna da «tournée» organisada por Karsentes para o sul, e que nos deu os espectaculos de Charlotte Lisés, surprehendemos um curioso aspecto da sua organisação. A mulher que servia de «ponto» (as mulheres são prefericas para esse mister em quasi todas as scenas francesas), sabia regularmente musica, e era a pessoa que tocava fora de scena qualquer trecho preciso á acção. Acumulava, com estas duas funções, a de «costureira» e de cabeleireira da grande actriz, visto que a ajudava a vestir e a penteava. Alem disso, antes de subir o pano, vinha, com as suas mãos habeis de francesa, retocar as flores de scena, dar uma ultima afinação no mobiliario.

Mas, como se tudo isto não bastasse—esta mulher representava ainda pequenos papeis nas varias peças. E' claro que nessa altura não era «ponto». Mas, uma vez cumprida a sua parte de actriz, voltava ao seu cacifo de «souffleuse», donde sahia o contra-regra que a tinha substituido. E fazia tudo isto sem alardes, com a maior simplicidade, e com aquele sorriso bem disposto das mulheres parisienses. Vi-a sair de uma scena, onde fazia uma comparsa dum baile, e envergar a sua bata de trabalho, de linho branco, e instalar-se tranquilamente na caixa do ponto.

Eis ali um caso para por deante dos olhos dos nossos directores de «tournées».

Os nossos Karsentes precisam, como o francês, de se defenderem dos elencos complicados, e o exemplo das possibilidades de simplificação aqui lho deixamos de graça.

Palmira Bastos e Gil Ferreira no Porto

A brilhante companhia do Gymnasio, que está completando uma epoca de sucesso nesse teatro, com peças de agrado completo, vae ao Porto, dar uma serie de espectaculos, com o belo repertorio que Lisboa consagrou já. E' de esperar que na capital do norte, esse notavel nucleo de artistas, que, no meio da crise geral que atravessamos, se manteve unido, creando um repertorio bom e trazendo de novo a corrente de publico a um teatro acabado de construir—tenha ali o justo premio.

A Banca á Gloria, tradução do ilustre escritor José Sarmento o grande sucesso da temporada, será a peça de estreia, e levará a montagem completa que teve em Lisboa.

palestras de café...

A eterna questão

Ao sair duma «primeira» disia-me o meu amigo:

—REALMENTE, ainda resta muita coisa interessante a faser no teátro em Portugal. O peor é que, principalmente, não ha dinheiro.

—Não diga heresias, meu bom amigo. Não haverá dinheiro para montar uma salchicharia em termos ou uma casa de ferragens moderna. Para batota e teátro aparece sempre dinheiro. Na época que vae findar, então, presenceou-se em matéria teatral um fenómeno, o qual, como certos eclipses e algumas passagens de estrêlas, não tornaremos a contemplar por estes quatro ou cinco mil anos mais chegados. Vimos uma emprêsa dispôr de dois teátros, de duas companhias, de mais dum milhar de contos—dizem mais de dois mil—e, no fim de tudo, desperdiçar todos estes elementos em pura perda e não conseguir montar senão um espectaculo em termos.

—Ah bem sei! Refere-se a...

—Para que citar nomes? As pessôas não interessam; mas sim os factos. Tão pouco me interessa o como se esbanjaram inutilmente o tempo e toda essa dinheirâma. Lastimo apênas que se esbanjassem e de forma tão insolita que parecia propositada. Ergo, ás vêses, os olhos ao ceu e pergunto a quem me dizem andar lá por cima a dispôr as cousas da terra em que vamos vivendo: —«Só por irónia e desejo de arreliar aquêles que amam o teátro com verdadeiro amor Tu consentiste que, quando alguma cousa de interessante se podia ter feito em seu proveito, tudo se combinasse para a tal se opôrem as mãos mênos hábeis e os espiritos mênos aptos. Porque não pões artistas em tôrno desse indispensavel dinheiro, em vez de ganhões e de aventureiros, diga-se o termo crúamente? Porque não aqueces com uma pequenina chama da tua divina inspiração esses cérebros fechados, que um capricho ou um acaso impéle até ás tábuas dum palco? Porque não colocas a par desses montões de chéques e notas creaturas com a fé, aquela fé que iluminou Antoine, Gémier e ainda hoje ilumina quantos conseguem faser alguma coisa de novo pela arte teatral?»

—E lá de cima que lhe respondam?

—Nada. Dizem que Deus não dorme; mas, em meu parecer, passa pelo sôno de quando em quando. Depois caio em mim e, olhando em redór, ponho-me a scismar onde se iriam desencantar esses iluminados, competentes para mover um pouco a montanha de vulgaridade que nos véda o caminho. Dois nomes, trez, me acodem aos lábios e, evocando as pessoas, vejo-as cançadas de presenciar tanta bacoquice, fartas de se encontrar a cada passo com creaturas que, quando nos apertam a mão, sempre é bom contar os dêdos depois, mal dispostas a luctar contra a maçonaria enorme e faminta dos mediocres e resolvidas, portanto, a presenciar resignadamente este esboroar constante dum edificio que, por seu mal, nunca teve grandes alicerces e hoje está reduzido a uma carcassa.

—Não espéra nada então?

—Um milagre. A coisa está afinal em muito pouco: surgir um dia um Mecênas inteligente ou que, não o sendo em absoluto, por acaso tope com um colaborador digno, em vez de andar, como andam os dagora, de candeia em punho á procura das peores unhas para nélas cair.

A. B.

á sucapa...

Uma questão que ressuscita

Talvez alguns dos nossos leitores estejam recordados da questão motivada pela peça de o eminente humorista e nosso querido amigo André Brun, *A vida dum rapaz gordo*, expressamente escrita para Chaby Pinheiro. Foi o autôr informado por várias vías que o seu interprete afirmára no Rio de Janeiro, no Porto e em Lisboa, ser a comédia um plágio descarado do *Martyre de l'obése*, o livro de Henri Béraud, prémio Goncourt. Tendo essa afirmação do actor passado ás colunas da imprensa, André Brun propoz a Chaby Pinheiro, numa carta aberta do *Diario de Noticias*, que cada um depositasse dez mil escudos e se entregasse a peça e a novéla a um juri de três membros, dois escolhidos pelos litigantes e o terceiro por esses dois. André Brun comprometia-se ainda, no caso da decisão lhe ser desfavoravel, a nunca mais escrever uma linha e a renunciar á sua vida de escritôr. A esta proposta Chaby respondeu com evasivas, negando o que mais duma duzia de pessoas lhe tinha ouvido, e preferiu não arriscar os seus dez mil escudos.

Sucede agora que Alfred Savoir, o comediógrafo francez bem conhecido, extraiu do romance de Béraud uma peça que deve subir á scena nas Variétés, interpretada pelo actor obêso Pauley. Seria uma excelente maneira para Chaby de provar as suas rasões o mandar tradusir a peça, que, essa, deve convir ao seu fisico, e representá-la este inverno no Politeama onde vai fazer época, ao que se diz. Daria egualmente uma unica representação da *Vida dum rapaz pobre*, cujo produto, incluindo os direitos de autôr, revertesse a favor da Caixa de Pensões e Reformas da A. C. T. T.

Desaparecido

Como este jornal chega ao Brazil pedimos encarecidamente aos cariocas que porventura encontrem um homem extremamente magro, completamente feio, com nariz humoristа, e que dá pelo nome movimentado de Roldão, a fineza de lhe dizerem que os camaradas de «O Domingo» lhe desejam bôa saude, e que a administração lhe faz sentir a alegria com que receberia os seus artigos, bastante indefenidos, e correspondentes a certos magros francos que levou com os solenes prometimentos de assidua, terna e fiel correspondencia...

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

A PORTUGUESA QUE AMOU UM PRINCIPE

«Era cantora e jovem e formosa; nascera em Portugal e conhecera o homem amado em Buenos Aires.» (Do Dayly Mail).

É facto sociologicamente já observado que os grandes acontecimentos de ordem colectiva apagam, remetendo-os para o olvido, aos acontecimentos individuaes—mesmo aos mais interessantes, aqueles que seriam dignos de cronistas e historiadores...

E assim sucedeu recentemente em Inglaterra. A greve negra, envolvendo nos crepes do terror á Grã Bretanha, alterando a normalidade inglesa, obrigando a imprensa a suspender a sua publicação, veio lançar um inesperado silencio sobre um curiosissimo caso de amor que, com todas as reticencias, reservas e eufemismos, vinha sendo discutido nos jornais de Londres...

Os protagonistas eram uma jovem portuguesa e... o principe de Galles...

* * *

Ha anos que uma rapariga da nossa melhor sociedade, atendendo a sua vocação para o canto, foi estudar para Milão. As lições não fizeram mais do que orientar a tendencia de—chamemos-lhe Margarida—, para a opera lirica. A sua garganta era um verdadeiro tesouro inexplorado—um manancial de ritmos.

Mas quando, terminado o curso, ela pensou em regressar a Portugal, foi ao seu encontro uma noticia fatidica... A sua mãe, unico grande afecto que lhe restava, acabara de morrer...

Com a tia que a acompanhara a Milão, Margarida veio a Lisboa, liquidou aqui os poucos haveres que herdára e em seguida voltou á Italia.

Ali, após varios esforços, incorporou-se numa companhia de Opera, que estava prestes a embarcar para a America do Sul, contractadá pelo empresario Mocebi, socio do nosso patricio José Loureiro.

Margarida atravessou-se-lhe no caminho...

A companhia estreiou-se em Buenos Ayres e o debute de Margarida foi um autentico triunfo. «La Razon», grande periodico daquela cidade, disse, a proposito da estreia de Margarida, em 12 Março de 1925:

«A formosa e jovem artista portuguesa, constituiu uma verdadeira revelação. Tem uma voz admiravel e, ao contrario da maioria dos artistas liricos, representa como uma verdadeira actriz. O publico chamou-a trez vezes á boca de scena e o ilustre ministro de Portugal, nos intervalos, foi acompanhado por varios criticos, cumprimentá-la ao seu camarim».

Este exito alcançado na «Tosca» repetiu-se nos dias seguintes, na «Boemia», na «Aida» e em outras operas.

Margarida era feliz. Na sua fronte principiavam a refulgir as cinco pontas das «estrelas» do teatro... Inaugurava a sua carreira com os triunfos que a maioria dos artistas só consegue após muitos anos de profissionalismo. Mas são raras as felicidades duradouras e a de Margarida não durou mais do que uma rosa exposta aos raios fortes do sol...

* * *

A fatalidade que a espreitava de sobrancelho carregado, corporificou-se no dia em que fundeou em Buenos Ayres o cruzador inglez, que conduzia, na sua ultima viagem de estudo atravez de varios continentes, o principe de Galles...

O governo argentino preparou-lhe uma imponente recepção e entre as festas que ao jovem principe se fizeram, figurou um espectaculo de gala dado em homenagem ao futuro rei da Inglaterra, pela companhia lirica de que Margarida fazia parte.

O principe viu representar a famosa artista portugueza e, como todos os espectadores, interessou-se pela arte da jovem cantora. E num dos intervalos mandou-a chamar ao seu camarote, para a felicitar.

O que teria sucedido depois?

O caso apenas se murmurava... Dahi a dias, Margarida, interrompendo a sua carreira, abandonava o teatro, a companhia de que fazia parte. Alguem a viu numa das estações da falda dos Andes, na ocasião em que estava ali parado o comboio que conduzia o principe de Galles... Alguem a viu mais tarde no Chile...

Os jornaes de Buenos Ayres, especialmente «La Critica», ainda se referiram, embora duma maneira vaga, a essa extranha coincidencia que era a cantora estar sempre na mesma terra onde o principe se encontrava...

Mas logo a ação da diplomacia inglesa fazia desaparecer dos jornaes essas já veladas palavras...

* * *

Pelo que se depreende agora dos periodicos londrinos, a cantora portugueza amava loucamente ao principe-moço, belo, educado, correcto.

Esse amor teve a sua consumação emquanto o herdeiro do trono inglez se encontrava no continente sul-americano.

Um dia, porém, «Rupert», o crusador em que ele viajava, acendeu as suas fornalhas para regressar á Europa...

E com isto surgiram os deveres do Estado, os preconceitos que o principe era forçado a manter....

Ele, com nobre franqueza, com elevada sinceridade, teria dito a Margarida que era impossivel continuarem aquele amôr.

Ela, ante as poderosas rasões pelo principe evocadas, ter-se-ia resignado...

E o futuro rei da Inglaterra partiu, quem sabe se levando bem gravada na alma a imagem daquela mulher bela que o amava loucamente!

* * *

Margarida, porém, constatava semanas depois que lhe era impossivel manter a promessa feita... Não podia viver distante do seu amor, do homem a quem entregou toda a sua alma...

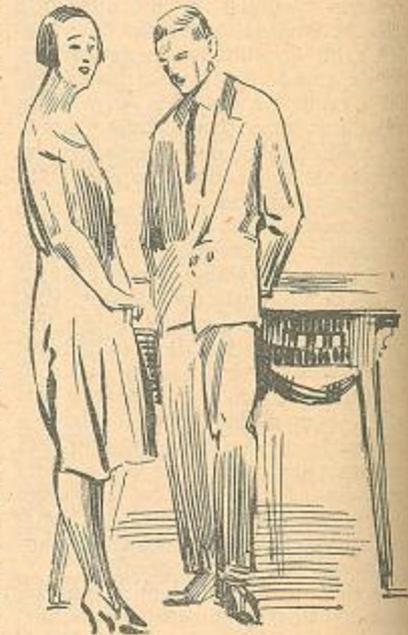
E em Dezembro de 1925, embarcava em Buenos Ayres, no vapor «Desna», com rumo á Europa—á Inglaterra que guardava o segredo do seu coração.

Deve ter estado em Lisboa, mas sómente as poucas horas, que o vapor aqui se demorou, porque era Londres que a atraia, era Londres que fascinava...

* * *

Uma vez na capital inglesa, a cantora patricia escreveu ao principe, pedindo-lhe alguns momentos de convivio. Foi a primeira carta, a segunda, a terceira; uma desena, muitas desenas... As cartas iam, mas a resposta não vinha.

E quanto mais significativo era o silencio do principe, mais ela se empenhava em falar-lhe, em reconquistá-lo...

Ia a todos os logares onde ele costumava aparecer; lia anciosamente os jornaes para saber aonde o principe iria nesse dia, a que festas, a que reuniões, a que espectaculos compareceria... E ela lá estava sempre, a olhá-lo a contemplá-lo anciosamente... E uma manhã em que ele passeiava a cavalo, Margarida atravessou-se no caminho e tentou falar-lhe.. Mas o principe—quem sabe com quanto desespero, com quanta angustia!—principiou a conversar com o seu companheiro e obrigando o cavalo a voltar sobre o caminho percorrido, distanciou-se rapidamente...

Margarida prometêu resignar-se para sempre...

E nos dias que se seguiram, nunca mais voltou a fazer os seus costumados passeios.

Então, desesperada, louca de amor, Margarida perdeu a noção dos preconceitos que a separavam do homem amado e começou a dirigir-lhe telegramas vibrantes de veemencia amorosa, telegramas onde evocava os dias felizes que haviam passado sob o ceu americano e onde lhe pedia que lhe conoedesse pelo menos uma entrevista, uma só, uma unica...

Esses telegramas, circulando pelas estações telegraficas, lidos pelas telegrafistas, eram como flexas lacerando o prestigio que deve ter um futuro rei...

E então, o principe resolveu, enfim, tomar uma atitude—e enviou ao Hotel onde se hospedava Margarida, um dos seus conselheiros...

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9

O DOMINGO Ilustrado

UMA NOVELA TRAGICO-MARITIMA COMPLETA

Um janota em calças pardas ou os martires da moda

Deliciosa pagina de ironia e de graça onde passa um assumpto de interesse vivo, palpitante, actual e pitoresco.

Os martires a que me refiro, são aqueles pobres janotas chiadescos, paladinos do ultimo figuro, que de certo se apresentam tão tristes, palidos e olheirentos, pelos excessivos esforços dispendidos na atualisação constante da farpela.

Na verdade é extenuante. A moda com os seus constantes caprichos, com as suas constantes extravagancias, é tiranica é despótica.

Sempre, mais ou menos, acentuou a diferença dos sexos distinguindo-os e pondo-os em maior ou menor contradição de habitos, de gostos e de predilecções.

O alfaiate sempre me pregou umas calças!...

Mas ultimamente a sua extravagancia, chegou ao extremo, de nos mudar tambem completamente o aspecto exterior dum e d'outro sexo, trocando-os por tal forma, que quasi os confundimos. Assim os trajes femininos, outrora amplos, vastos e de tecido abundante, com pregas, bófes, caudas etc, teem sido hoje reduzidos a tão infimas e acanhadas proporções, que já mal se distinguem a olho nu; de tal fórma, que os vestidos se tornam assim perfeitamente insuficientes e mesmo inuteis, para o fim a que se destinam e que o seu nome indica.

Verdadeiramente não são vestidos, são despidos.

Mas, curioso contraste; paralelamente, para o outro sexo, evoluciona a moda em sentido perfeitamente oposto; assim decretou agora para o sexo forte umas calças, com uma acentuada tendencia para saias e que pela vastidão, largura, copia de fazenda e proporções, parecem acumular as funções de camisas de onze varas. E bem graves tragedias, como a que no final referimos, tem produzido já, esta moda extranha e inconcebivel.

Emquanto a mulher caminha vertiginosamente para a tanga, o homem caminha deliberadamente para o vestido de cauda. Mas não é tudo.

Para acentuar mais ainda a sua extravagancia, a moda, assim como n'um exquisito pudor tapa os braços das senhoras, destapando-lhes cada vez mais as pernas, numa não menos extranha e desproporcionada distribuição de fazenda no traje masculino, alargou as calças até ao exagero, reduzindo os casacos a proporções ridiculas.

E, é assim, que alguns meninos chics nos dão a impressão perfeita de trazerem o casaco do mano mais novo e as calças do mano mais velho.

E alguns exageram de tal forma esta ultima parte do vestuario que a nossa primeira impressão ao ve-los, é a de que trazem por engano, as calças que um senhor gordo lá deixou em casa por lamentavel esquecimento.

* * *

Ha dias perto d'uma paragem quasi me comoveu o aspecto embaraçado d'um desses infelizes. Ao ver-se alvo das atenções gerais, tinha o ar contrafeito de estar dizendo intimamente: «o alfaiate sempre me pregou umas calças»!

Mas porque não soube defender-se. O meu alfaiate tambem por varias vezes tentou impingir-me um desses objectos, mas eu resisti sempre, obstinadamente.

Eu não me meteria nunca num d'aqueles pares de calças, pelo justo receio de me perder lá dentro.

O alfaiate ainda alegou que era chic, que era o ultimo grito da moda.

Simplesmente lhe objectei que o ultimo grito sou eu sempre que o dou na altura de pagar a conta.

E ele decidiu-se então a retirar a proposta.

E ainda bem por que as tais calças, além dos inconvenientes do maior dispendio de fazenda e do aspecto verdadeiramente ridiculo, que dão a quem lá vae dentro, tem graves perigos, além do que acima referi como argumento contra a sua adoção.

O caso veridico que passo a relatar e a que assisti, serve de aviso aos incautos e aos temerarios, que ainda queiram aventurar-se por dentro de tão kilometrico vestuario.

* * *

O joven Luiz era um mancebo, que apezar de imberbe, tinha já o vicio inveterado do ultimo figurino. Moda que viesse, por mais extravagante, disparatada ou inestetica, era certo que tinha n'ele o primeiro adepto e logo o mais denodado defensor e propagandista.

Era assim o primeiro manequim de todas as extravagancias dessa deusa cruel e ruinosa: a moda.

Um botão mais abaixo ou mais a cima, uma algibeira a mais ou a menos, mais uma ou duas pregas no casaco ou nas calças, constituiam para ele ordens indiscutiveis que tinham de ser imediatamente cumpridas.

O infeliz nunca trazia o casaco ou o colete mais curtos ou mais compridos, mais ou menos abotoados, mais abertos ou mais fechados, conforme os seus desejos ou necessidades de se aquecer ou refrescar; mas simplesmente conforme as estritas prescrições dos alfaiates, a quem obedecia como a respeitaveis sacerdotes do seu tiranico idolo.

Era assim um escravo da moda, cujos ultimos figurinos, eram os sucessivos e pezados regulamentos que cegamente tinha de cumprir.

Como exemplo dos efeitos desta tirania, uma das coisas mais inconstantes nele era a situação, a localisação da cintura; tão depressa a trazia debaixo dos braços como lhe descia até quasi aos tornozelos.

Se fosse pessoa que tivesse de se agarrar pela cintura, seria caso para serios embaraços.

Veiu assim a calça larga ultimamente em voga e ele, é claro, arranjou logo umas, do tamanho da legua da Povoa. Visto de costas, da cintura para baixo, parecia um radjah. Todo ele era calças.

Mas desta vez, não foi ele o primeiro a lançar a moda.

Quem primeiro usou destas calças foi o Walter.

Deixámo-lo porém, nessa dôce ilusão.

E foi com ela e com este exuberante e perigoso traje que ele ha tempos se aventurou a um largo passeio fluvial num barco á vela.

O dia estava lindo, «o Tejo era sereno, a viração subtil». Os excursionistas, homens e senhoras que nos acompanhavam, tinham na face o riso claro e franco que vem dos largos horizontes, da plena liberdade.

E na tranquilidade e na alegria geral, não havia o mais ligeiro indicio do perigo que a todos nos ameaçava.

As velas, ligeiramente enfunadas por uma suave brisa oceanica, faziam deslizar o barco docemente, meio inclinado sobre as ondas, qual gaivota ferida, como é costume dizer-se nas novelas sentimentais.

Tudo era paz, tudo era calma.

Mas de repente, uma viração mais forte perpassou. Depois, pouco a pouco, outra e outra; e por fim, já pouco tranquilizador, o vento, num furor diabolico, inesperado, sacudiu a embarcação.

Segurámo-nos, palidos de surpreza, emquanto o arrais ligeiro e rapido, conhecedor do perigo, colhía as vêlas uma a uma, deixando os mastros completamente limpos á furia eolica.

Luiz, palido tambem, tinha-se agarrado ao mastro maior, para assim poder resistir aos empuchões da vaga, que picada pelo vento cada vez mais rijo, fazia balouçar temerosamente a fragil embarcação.

Porém após uns momentos de terrivel anciedade e de angustiosa espectativa, começámos todos a notar que o barco, apesar de colhidas todas as velas, cada vez balouçava mais.

O terror invadiu-nos. Foi então que um grito estridulo, aflitivo, ecoou das bandas de estibordo, e o arrais, de mãos erguidas, o olhar aflito, intimou Luiz violentamente, em voz que não admitia réplica:

«Mas o senhor vae perder-nos, é o unico culpado desta desgraça... por sua causa iremos ao fundo... dispa as calças, cavalheiro... dispa as calças... ou estamos perdidos... Efectivamente reparámos então cheios de espanto, palidos de emoção e de terror, que as calças de Luiz batidas pelo vento faziam o efeito da vela do mastro grande a que ele se agarrára.

O senhor vái perder-nos...

Iamos navegando a todo o pano das suas calças.

Então perante uma intimativa geral, energica, imperiosa, decidiu-se, ainda contrafeito, a salvar-nos despindo-se

E é que teve de seguir a viagem, sob o peso das nossas justas imprecações, já sinceramente contrito e em cuécas.

AUGUSTO CUNHA

VARIA

CAMPO PEQUENO

A corrida de domingo, veio confirmar o que eu sempre tenho dito e continuo a manter: «A tauromaquia em Portugal não morrerá, emquanto houver bons organisadores de corridas de touros». A epoca de 1926 a continuar como até aqui, deve marcar como a mais brilhante de todas a que nos ultimos tempos temos assistido.

Não é necessario recorrer aos artistas estrangeiros para arrebatar as multidões, desde que entre nós haja elementos que pensem mais em levantar o velho divertimento, que nos seus interesses monetarios; isto quanto a emprezarios e artistas.

A praça do Campo Pequeno encheu a sua lotação, vendo-se mais de mil espectadores de pé, em todas as coxias, por não haver logares para acomodarem a enorme multidão que se comprimia, afóra as inumeras pessoas que se retiraram por falta de bilhetes.

Dois factores, apenas, concorreram para o deslocamento da grande massa com destino ao elegante taurodromo do Campo Pequeno: A alternativa do brilhante cavaleiro fidalgo, D. Ruy da Camara e a reaparição, n'esta epoca, do popular toureiro equestre, José Casimiro.

A's 17,40 horas de domingo, deixava D. Ruy da Camara de ser o fidalgo cavaleiro-amador, que em todas as corridas de touros em que tomou parte, quer em Portugal quer em Hespanha, conquistou justos e retumbantes aplausos, para enfileirar, á direita, na galeria dos cavaleiros profissionaes, com uma alternativa a rigor, como deve ser conferida e como nunca foi executada com os seus antecedentes colegas.

O excelente trabalho, mesmo superior, de D. Ruy da Camara, na lide do 1.º touro, foi coroado de aplausos e chamado á arena, sendo depois arrebatador o que o distinto profissional executou no 7.º touro, um manso que D. Ruy fez embravecer, rematando com dois ferros curtos a preparação que deu a este touro, em que nem uma pessoa deixou de se manifestar, quer com palmas, quer gesticulando com lenços e lançando chapeus á arena e flores sobre o simpatico e valente cavaleiro, n'uma apoteose como poucas vezes temos visto em praças de touros. Compartilharam d'estes aplausos o seu colega José Casimiro que brilhou tambem nos seus dois touros, bem como o director da corrida, D. Antonio de Portugal que encaminhou toda a lide muito acertadamente.

O espada Julian Sans, «Saleri», cravou um par superior no 6.º touro, alem de mais dois muito aplaudidos, e com a «muleta» abusou da mão direita, o que é um grande defeito, demais, para toureiros da sua categoria.

Agostinho Coelho, cravou um excelente «par á gaiola» revelando muita oportunidade nos «quites», bem como «Angelilo» que vae entrando no primeiro plano dos bons peões de brega.

Edmundo de Oliveira, executou uma pega rijissima que foi delirantemente aplaudida e... nada mais houve de notavel que mereça registo especial.

ZÉPEDRO

* * *

Detalhe da corrida, de hoje, no Campo Pequeno

1.º touro para—José Casimiro.
2.º » para—Alternativa de Domingos Mesquita.
3.º » » —Manuel Casimiro
4.º » » —Espada Juan Caro.
4.º » » —José Casimiro Junior.

INTERVALO

6.º touro para—José Casimiro.
7.º » » —Espada Juan Caro
8.º » » —Manuel e J. C. Junior.
9.º » » —Bandarilheiros.
10.º » » —Bandarilheiros.

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

DAMAS

solução do problema n.º 68

	Brancas	Pretas
1	19-24	20-27
2	18-22	27-18
3	25-29	18-25
4	29-22-11-2-9-23-12	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 69

Pretas 2 D e 5 p.

Brancas 8 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 67 os srs.: Alfredo Costa (Barreiro), Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Carlos Gomes (Bemfica), D. Emilia de Sousa Ferreira, Ratesvana (Oeiras), Ruy Freiria, Um principiante (Carvalhos) e Vicente Monteiro.

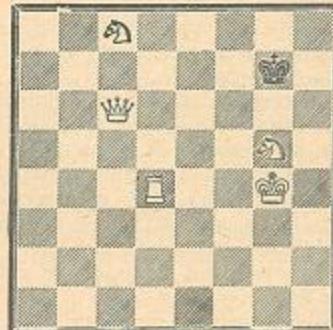
NOTA.—Foi-nos enviado o problema, hoje publicado, pelo nosso muito considerado amador de problemas de damas, que se encobre sob o modestissimo pseudonimo de *Um principiante*, o qual faz acompanhar o problema com o seguinte aditamento: «Dedicado ao habil amador sr. Artur Santos».

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 69

Por J. Minckwitz

Pretas (1)

(Brancas (5)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 67

1 D 5 T D

E' esta a solução indicada na biografia de S. Loyd; o problema está porém errado; ficará certo desviando todas as peças e peões 2 filas á direita, exceptuando o D, sendo então solução D 5 B D.

Os senhores V. Mendonça, Club Portuense (Porto) e Marques de Barros descobriram a incorreção do problema.

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 4 — 1.ª SERIE	SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME **DR. FANTASMA**	16 MAIO 1926

Apuramento do n.º 1 (1.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

D. SIMPATICO

N.º 1 — 4 votos

N.º 5, de ORDIGUES . . . . 1 voto
» 6, de SANCHO PANÇA . . . . . . 1 »
» 7, de VIRIATO SIMÕES . . . . . . 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

D. GALENO (da T. E.), MAMEGO, MARIANITA.

Com 7 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

D. K. K. TRO. 6—AULEDO, AVIEIRA, VIRIATO SIMÕES, 5

OUTROS DECIFRADORES

MIEL, 2

DECIFRAÇÕES

1—DIANA, 2—setrina, 3—*goveta*, 4—mokendekendi, 5—*sem-razão*, 6—*cenotafio*, 7—atamancar.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 4, de MATASIL, com 3 decifradôres.

DEDICATORIAS

D. GALENO decifrou a charada que AVIEIRA lhe dedicou.

CHARADAS EM VERSO

(A Avieira, agradecendo a sua setrina)

1) Ia-me deixando passado,
A sua charada em questão...
Um assalto bem jogado
E nada de solução!

Outro assalto mais *a* fundo—1
E, sempre, o mesmo revez!
Tento um *terceiro*, profundo,—1
E morta foi, desta vez!

Apanhei um tal calôr,
Que julguei ficar pateta;
E, para evitar mal maior,
Fui tomar *cerveja preta*!...

Lisboa — D. GALENO (Da T. E.)

ENIGMAS EM VERSO

(Ao meu prezado amigo Lima Pereira)

2) Mal vem rompendo a aurora altiva e prazenteira,
Espalhando no céu as nuvens coloridas,
Abre-se, num sorrir, a natureza inteira.
Dando vida e calôr ás coisas esquecidas...

E Febo, lá no céu, sorrindo, descuidado,
Enfeitando com amôr as rosas dos jardins,
Dá-nos a impressão dum querubim dourado,
Num leve adormecêr entre loiros coxins...

Reveste-se de luz o descampado imenso;
Ha suspiros de amôr a par desse ideal,
Pairando, pelo ar, um verdadeiro incenso,
Dum perfume sem côr, por uma noite astral!...

E o sol a par, então, com toda essa beleza,
Cheio dum explendôr, dum colorido fino,
Parecer *disfarçar*, em mágica aspereza.
Um dorido viver, num suspirar divino!

Lisboa — D. SIMPATICO (T. E.)

3) A linda avesinha
E' muito *galante*!
Seu corpo pequeno,
E' todo elegante!...

O seu companheiro
E' muito estimado;
Em lindas cabeças
Alteia o penteado...

Agora, aumentai,
Não é coisa feia,
Pois, logo, terão
Farinha de aveia...

Lisboa — VIRIATO SIMÕES

CHARADA ELECTRICA

(Ao Dr. Etiel)

4) Sem *astucias* de edipista,
Vos apresento este *escudo*,
Reconhecendo, contudo,
Que vai figurar na lista!...—2

Lisboa — AVIEIRA

CHARADAS EM FRASE

5) Tenho um *creado*, *para* me servir a *qualquer refeição*.—1—1

Lisboa — ORDIGUES

6) Desde que o homem *vive na terra*, traz estampado *«no rosto»*, o *terror* do inferno!—4—2

Porto — REI DO ORCO

CORREIO—(Resposta a correspondencia recebida desde 1 a 9 do corrente):

D. GALENO.—Recebi tudo. Muito obrigado. Quando quizer...

VIRIATO SIMÕES.—Espero mais e decifrações.

MARIANITA.—E colaboração?

MIEL.—Muito abrigado pelas suas amaveis palavras que não mereço. E colaboração?

REI DO ORCO.—Recebi tudo. Muito agredecido. E decifrações?

MAMEGO.—Uma casa ás suas ordens. E colaboração? Posso contar?

EXPEDIENTE

O prazo para a recepção de decifrações é, *rigorosamente*, de 15 (quinze) dias. Todos os decifradores que atingirem *pelo menos* 50 % das soluções *devem indicar a producão que mais lhes agradou* neste numero. Os colaboradores devem mencionar os dicionarios onde se verificam (*rigorosamente*) os *conceitos parciais* e os *conceitos totais* dos seus trabalhos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a Rua Alvaro Coutinho, 17, r/c. Lisboa.

MUITO IMPORTANTE — Serão anuladas, *sem distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam *a votação* do melhor trabalho publicado.

DR. FANTASMA

Varia

A portugueza que amou um principe

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6)

* * *

A entrevista entre o enviado do principe e a cantora portuguesa, durou perto de uma hora. Ela teria argumentado com o seu amor; ele ter-lhe-ia feito ver a impossibilidade do principe voltar a falar-lhe...

Um futuro soberano, tem deveres, tem preconceitos que deve respeitar... Em nome do proprio amor que ela votava ao principe, o enviado ter-lhe-ia pedido que desistisse de perseguir o homem amado, que nunca mais tentasse vê-lo, nem tampouco que lhe telegrafasse...

Mais uma vez, dominando pela vontade o coração, Margarida devia ter prometido resignar-se — para sempre, para sempre...

Tranquilo, enfim, o enviado do principe saiu; mas mal tinha dado alguns passos no corredor do hotel, ouviu uma detonação, um grito, e logo o surdo ruido dum corpo que tombava...

A creadagem correu para o local donde o tiro fôra disparado e ali encontrou, estendida no soalho, com um fio de sangue a brotar-lhe do ouvido e com o revolver, ainda fumegante, na mão, a Margarida — a portuguesa que amara um principe...

RODOLFO D'ALBUQUERQUE

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

VIRIATO DE SAMPAIO.—Temperamento impulsivo e dominante, um tanto ironico, inteligente, excesivamente nervoso, generosidades prodigas, mas intermitentes, má memoria, orgulho desmedido de si proprio mas nada vaidoso na aparencia, facilmente irascivel.

«ALI SE LE JEUNE CHESE.—Espirito vivo, imaginação um tanto exaltada, mais esperto do que inteligente, trabalhador e ambicioso, bom coração, sensualidade forte.

JALDÃO.—Força de vontade media, temperamento apaixonado e um tanto ciumento bom fundo mas pouca meiguice, intuição, bom gosto, rajadas de bom humor mas tambem furiosos ataques de pessimismo, sensualidade cerebral.

SEMOG ASIP.—Força de vontade calma e paciente quando se trata, de alcançar uma coisa do seu calculo, mas impacientissimo se se trata de coisas de outros, bom diplomata; amigo de fazer espirito ironico e um tanto mordaz, generosidade... bem administrada, mau gôsto, ordem, aceio, desconfia de tudo e de todos, habilidade manual, boa memoria, ideias independentes.

JOÃO SEMANA.—Caracter calmo e pensativo, um tanto sonhador, nervos depremidos desconfiança, boa memoria que já foi melhor, caracter dedicado, vida simples, generosidade bem entendida, espirito religioso, pouca vaidade, sentimento do dever, boa moral e boas ideias.

JOVEM TAQUIGRAFO.—Caracter nervoso mas bem dominado, inteligencia fina e intuitiva, uma pontinha de vaidade, bom matematico e bom calculador... em tudo!, generosidade bem entendida, resoluções prontas e firmes habilidade manual, amor á leitura.

TIAUSINHO.—Força de vontade com rajadas de impaciencia, lealdade, amor aos livros caracter energico mas afavel ao trato, pratico sem ser economico, boa memoria, habilidade manual, veracidade.

UM RAPAZ MUITO BONITO.—Espirito subtil, desconfiado, mais esperto do que inteligente, sentimento de poesia rimada, detalhista, economico sem ser mesquinho, espirito religioso, verbo facil, trato afavel, reservado, ciumento e calculador.

GOMEZ, Rua da Matematica, 6 (Coimbra).—Caracter impulsivo e dedicado, um tanto romantico e com muita imaginação, amigo do seu amigo, leal e franco, orgulho sem vaidade, habitos de trabalho, ambições inconfessadas, ideias largas, bom gosto, amor eos livros, generosidade bem entendida, sensualmente cerebral.

MANEL.—Temperamento impulsivo e energico, um tanto fantaseador (não muitas vezes) apaixonado, sensual, um pouco vaidoso e amigo de discutir e conversar, bom coração, generoso e dedicado, amor ao conforto, ambições e vontade de trabalhar, amor á literatura.

CAIO ONTE.—Temperamento calmo e gostando de analisar as coisas, força de vontade, sentido pratico das coisas, alma um tanto ingenua e limpa, pouco mudavel nas suas ideias, sensualidade, diplomata, gostos um tanto originais mas artisticos, boa memoria, mais optimismo que pessimismo, veracidade.

X. Y. Z.—Caracter impulsivo e um tanto original, gostos artisticos, inteligencia cultivada, nenhuma vaidade pueril mas um alto conceito de si proprio, um tanto fantasista, energico, desprendido, bom matematico e trabalhador, audaz, franco e ambicioso.

M. B. C.—Caracter nervoso dominado a custo, simples, dedicado, generosidade bem entendida, memoria fraca, desconfiada, espirito de justiça, ideias elevadas, pouca vaidade, reserva absoluta, lealdade, ordem, sensualidade forte.

JORGE LIZ.—Temperamento nervoso em estremo, caracter irrascivel, trato original, rajadas optimistas, curiosidade, sensualidade cerebral, teimoso, reservado, no fundo uma grande decepção e um cansaso de tudo e de todos.

ALMA TRISTE.—Caracter dedicado e suave, espirito religioso, inteligencia não muito cultivada, generosidade impulsiva, pouca vaidade, nervos deprimidos, sentimento do dever, mundanismo, má memoria.

ALANO-ALEX.—Temperamento excessivamente nervoso, um tanto original no trato, intermitencias de caracter, mais pessimismo que optimismo, ordem administrativa, por vezes ironico sem ser mau, pouca vaidade e muito orgulho.

F. RENE.—Força de vontade com rajadas de impaciencia, bom gosto artistico, sensualidade forte, independencia de ideias e de caracter, simples e sobrio em arte, resoluções prontas e firmes, sentimento de poesia (em prosa) ordem, asseio, alto conceito de si proprio.

BENAMOR.—Trez linhas não chegam, escreva outra vez.

EPAMINONDAS.—Força de vontade teimosa, boa memoria, ambicioso, bom diplomata quando quere, apaixonado e ciumento, amor á literatura, desconfiado, energico moral e fisicamente, ordem, espirito religioso, reserva absoluta, sensualidade cerebral, habilidade manual.

A. C. C.—Inteligencia assimilavel e intuitiva, economico sem ser mesquinho, sentimento do dever, força de vontade media, dedicação, pouca vaidade, rajadas de pessimismo, amante do ado, mentiroso sem consequencias.

ZICHA.—Não tendo recebido a consulta a ue se refere, rogo-lhe a fineza de escrever outra vez.

«22 DE MARÇO DE 1923.—Idem.

AMADEU MOGANO (Ilhavo).—Idem.

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. ALVARO COUTINHO, 17 R/C.—LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior, sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

MENINA XÓ, AULEDO, KURITSA, ARIEREP, ARISTOTELES

DECIFRAÇÕES DO N.º 68

HORISONTAIS.—1—acaba, 2—rã, 3—oro, 4—cá, 5—peras, 6—arado, 7—lesas, 8—isola, 9—cozer, 10—liz, 11—arara, 12—rã, 13—ás, 14—erô, 15—ré, 16—iça, 17—ri, 18—Mafra, 19—anã, 20—seara, 21—saída, 22—mente, 23—moiro, 24—gaita, 25—asa, 26—pão, 27—sós, 28—saial.

VERTICAIS.—2—reservatorios, 4—casa, 5—pez, 7—lôa, 9—cré, 16—ir, 20—seis, 22—má, 24—Gôa, 29—cós, 30—ar, 31—bôa, 32—arar, 33—adormecimento, 34—ás, 35—ri, 36—óla, 37—libertino, 38—ar, 39—és, 40—rã, 41—as, 42—fama, 43—adia, 44—atas, 45—ré, 46—ar, 47—opa, 48—ai.

Dedicado a todos os Campeões.

PROBLEMA D'HOJE

Original da nossa ilustre colaboradora MENINA XÓ.

HORIZONTAIS.—1—cavidade, 2—tumor, 3—espaço, 4—habitantes dos Alpes, 5—agora, 6—passaro, 7—amas, 8—ancia, 9—esconde, 10—metal, 11—misturada, 12—algarismo, 13—tornei a estudar, 14—dar pose, 15—convenções, 16—adorais, 17—ermo, 18—pron. pessoal, 19—barulho, 20—apodrecer, 21—arrieira, 22—deduzir, 23—graça, 24—espuma, 25—espaço de tempo, 26—futil, 27—desejo, 28—mudança, 29—ciumenta, 30—embarcação, 31—ave de rapina, 32—recitei, 33—apreciaria, 34—branca, 35—ligo, 36—rumina, 37—enfeite, 38—metal, 39—vão, 40—pequeno, 41—tochas, 42—pron. pessoal, 43—divindade, 44—territorio português africano, 45—tostae, 46—elemento, 47—nome de mulher, 48—beijas, 49—artigo (pl.), 50—nome de mulher, 51—vale, 52—reles, 53—metal, 54—parte do mundo, 55—mez, 56—para cá, 57—vão, 58—botija.

VERTICAIS.—1—animal, 2—tromba de elefante, 14—após, 17—conjução, 18—preposição, 19—estilha, 21—irmão, 23—caruma, 24—duas letras de «boer», 27—argola, 28—planta liliacea, 30—favoravel, 31—petulantes, 33—capacete, 34—que tem cera (fem.), 36—foz (pl.), 37—aspereza, 38—abreviatura de «oesnoroeste, 40—privação, 59—corras, 60—anel, 61—eia, 62—atrevida, 63—meninas (brasil.), 64—nome de mulher, 65—relativo a carneiros· 66—pôr abas, 67—planta, 68—argolas, 69—dizer, 70—teem os peixes (fem.), 71—terminação de verbos, 72—pron. pess., 73—vello, 74—inferno, 75—instrumento, 76—duas vogais, 77—polidos, 78—indiferençã, 79—eleva, 80—resa, 81—o melhor, 82—retrocede, 83—tres letras de «Capitulo»», 84—sadio, 85—apelido comum, 86—torrentes, 87—mania (fami.), 88—sufixo que significa «tumor», 89—duas letras de «bis». 90—animal, 91—enlace, 92—buraco, 93—arvore da Guiné Portugueza, 94—artigo, 95—magote, 96—lustra, 97—mineral, 98—extracção, 99—animal, 100—contr. da prep. e do artigo, 101—rente, 102—estudar, 103—duas letras de «rocha».

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Actualidades gráficas

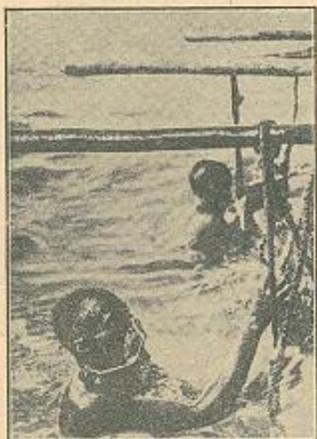
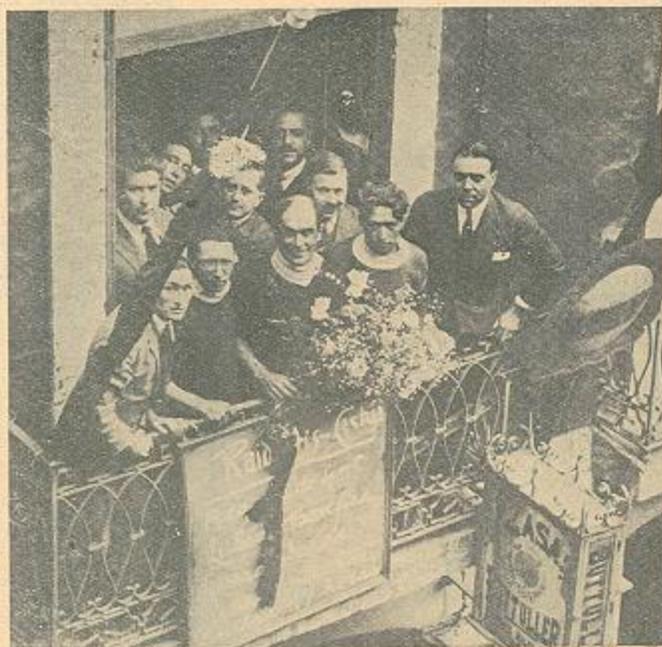
OS BONS ELEMENTOS SPORTIVOS DAS PROVINCIAS

Belenenses contra «Os Leões» de Santarem no desafio de domingo em Palhavã O «keeper» de Santarem defendendo

UM RECORD... ARTISTICO

O famoso escultor Principe Troubeitzkoi que conseguiu que Clemenceau—que nunca "posou" para artistas—estivesse um bocadinho quieto para lhe tirar um busto.

DE PARIS A LISBOA EM BICICLETE

A TRAGEDIA DAS PEROLAS

Pescadores das ostras preciosas, no momento de emergirem. A' direita o saco onde metem a sua pesca fabulosa, durante a emersão.

Os grandes ciclistas do Sport Lisboa e Bemfica, srs. Alfredo Piedade, Borges e Almeida, que acabam de fazer essa prova formidavel. O momento em que chegam á janela da União Velocipedica, respondendo ás saudações da multidão.

UM EXTRANHO ASPECTO DA FAUNA

Flamingos, dando de comer aos filhos, sobre ninhos feitos de lama, com a forma de "puddings"

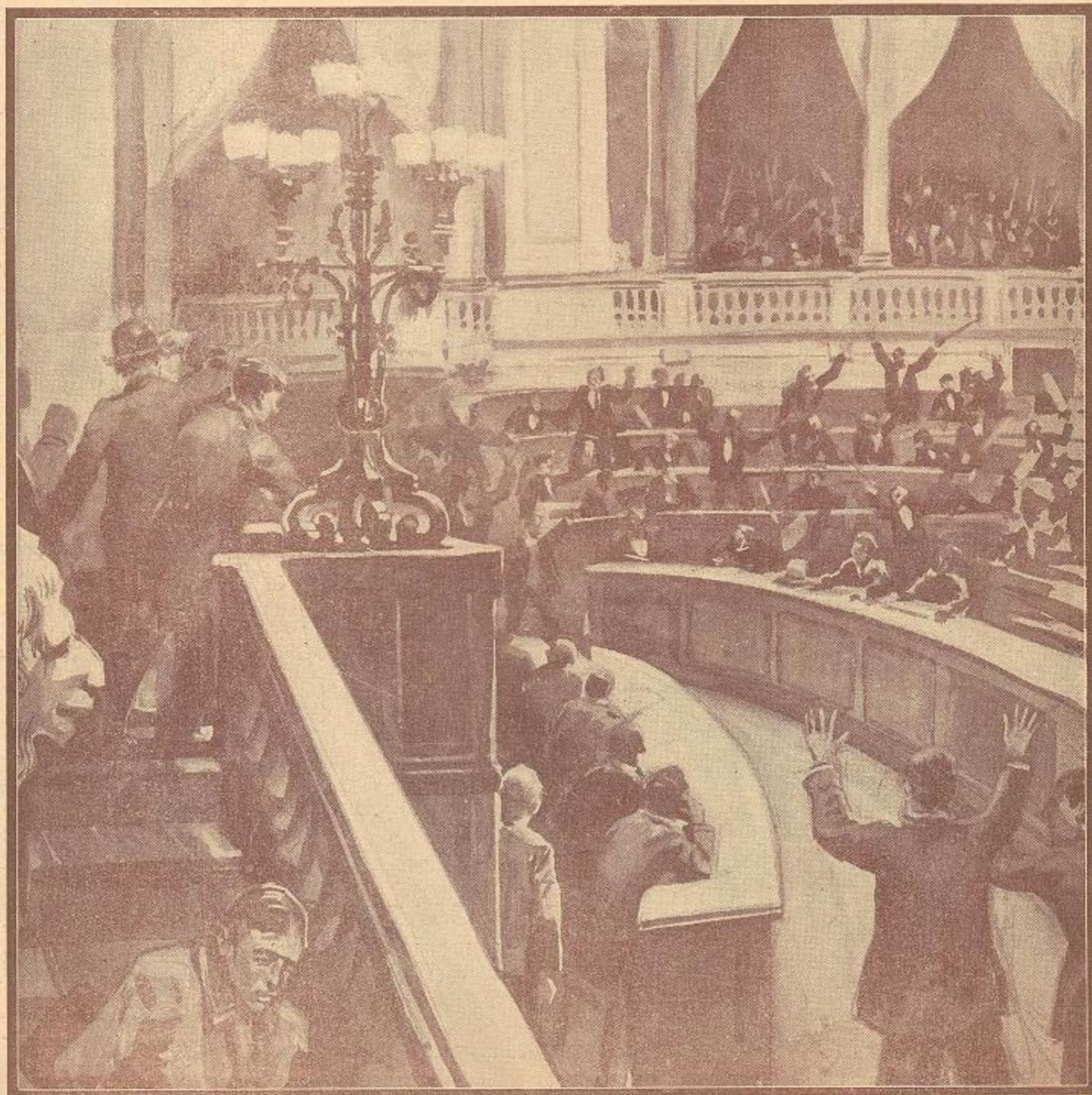
Publicidade

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

O "en regie"... nho dos Tabacos!

Scena comovente no parlamento, onde se desenrola a grande fita da semana: comem todos, ou haja moralidade!